

ENTREVISTA



ENTREVISTA A LUIZ DE FRANÇA COSTA LIMA¹

NATURALIDADE

Brasileiro

ANO DE NASCIMENTO

18 de março, 1937

FILIAÇÃO

Luiz de França Costa Lima e Elza Lisboa de Moraes Rego Costa Lima

FORMAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR

Colégio Nóbrega e Faculdade de Direito da Universidade (então chamada) do Recife

OS ANOS DE ESTUDANTE NA FDR (UNIVERSIDADE DO RECIFE)

1955-1960

O INTERCÂMBIO NA ESPANHA

Final de 1960 a março de 1962

O RETORNO PARA O RECIFE

Cerca de abril de 1962 (um pouco antes da queda de Jânio)

A AMIZADE COM PAULO FREIRE E DEMAIS MEMBROS DO SERVIÇO DE EXTENSÃO CULTURAL

A amizade com Paulo veio de meus anos de adolescência, pois éramos vizinhos e ele, amigo de meus pais. Com José Laurênio de Mello e Sebastião Uchoa Leite, membros da Rádio da Universidade, data-va desde meus anos de faculdade. Com os demais membros permanentes do Serviço

¹ Entrevista formulada pelo Prof. Dr. Denis Bernardes, Prof. MS. Dimas Brasileiro e pela Profa. MS. Djanyse Mendonça, pela web, em 27 de abril de 2012.

de Extensão Cultural, nossa amizade foi iniciada durante o próprio serviço. Chamo a atenção, contudo, que, sem serem membros efetivos do SEC, estavam sempre conosco o romancista Gastão de Holanda, o então assistente de filosofia Jomar Muniz de Brito, o poeta Jorge Wanderley e o ainda estudante Marcius Cortês.

A CRIAÇÃO DA REVISTA ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Segundo se dizia, ela teria sido combinada entre o então Reitor João Alfredo Gonçalves da Costa Lima – noto que a sua família era Gonçalves da Costa Lima e não era parente meu – e Eduardo Portella, no Rio de Janeiro. (Nunca perguntei a Eduardo – de que sempre fui amigo – se isso fora verdade). Muito menos sei por que fui convidado para secretariá-la.

A CRIAÇÃO DA CAPA DA REVISTA (O DESENHO, A CONCEPÇÃO)

Todo o projeto gráfico da revista foi realizado pelo saudoso amigo, Orlando da Costa Ferreira.

COMO SE DAVA A ESCOLHA DOS COLABORADORES.

Sem nenhuma sistematicidade. Como havia um conselho de redação, seria de esperar que ele se interessasse na constituição dos números, mas isso só sucedeu ante a celeuma pelos poucos exemplares que chegaram a circular sem censura do número 5, quando vi pela primeira (e única vez) o Conselho reunido, no gabinete do Reitor. Detalharei a questão na resposta à última questão. Deste modo, a escolha se dava por meu intermédio, fosse por escolha pessoal, fosse atendendo a solicitações.

COMO SE DAVA A ORGANIZAÇÃO DOS SUMÁRIOS, A DISTRIBUIÇÃO.

Sumários: os em francês eram feitos por um suíço-francês, Pierre Furter, que durante anos viveu conosco. (Creio que só saiu do Brasil meses depois do golpe). Os sumários em inglês, se bem me lembro, eram feitos por mim e corrigidos por José Laurênio. Distribuição? A mais amadorística possível. A distribuição local era feita pela própria Reitoria, enquanto a nacional e internacional era feita por mim mesmo, isto é, era eu próprio que levava os exemplares para os Correios do centro da cidade e pagava de meu bolso. (Isso então não tinha a menor importância, pois remuneração financeira parecia algo desprezível).

O COTIDIANO DA REVISTA

Havia muito pouca profissionalização naquilo tudo. Nós, que a fazíamos, ou seja, o secretário e seus amigos, trabalhávamos o dia inteiro no SEC, quando não dando aulas ou estudando, trabalhando na composição dos artigos, em sua tradução e/ou revisão. O amadorismo de tudo aquilo tinha seus evidentes defeitos, mas, com a passagem do tempo, me digo que só era possível ante a alegria da juventude que havia em todos nós e na esperança, por certo despropositada e irrealista, de que contribuíamos por um país menos injusto e desigual.

O QUE SIGNIFICAVA, NAQUELE MOMENTO, PÔR EM FUNCIONAMENTO UMA REVISTA COM AS CARACTERÍSTICAS DA ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS EM SUA PRIMEIRA FASE

Significava acreditar que havia caminhos não viciados de emancipação política,

social e intelectual do país. Significava que a busca desta alternativa não se dava nos grandes centros, onde a política tradicional tinha elos mais fortes, senão em uma cidade cercada pela miséria dos mangues e dos morros e ora o ódio, ora o pavor dos que sentiam calafrios ante a ameaça de perder seus privilégios.

A REPERCUSSÃO NACIONAL E INTERNACIONAL:

Fez parte do amadorismo acima referido não haver guardado as manifestações de solidariedade recebidas no sul do país, assim como a correspondência estabelecida com professores europeus, norte-americanos e mesmo – o que no período era considerado sacrilégio – com Cuba. Mas evidentemente o tom político daquele momento dava à revista um caráter de engajamento – não de partidarismo – que deveria vir a ser equilibrado.

COMO SE DEU O DIÁLOGO COM OS CONCRETISTAS E COM OS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS?

Diálogo com os concretos: mais especificamente com Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Como se realizava em João Pessoa o III Congresso de Crítica e História Literária, como eu já me correspondia com os poetas concretos, consegui que a reitoria convidasse os dois para fazerem palestras no Recife. Elas nunca se realizaram porque Décio teve aqui uma indigestão alimentar. Em troca, lembro-me sobretudo do encanto de Haroldo, que queria encontrar um meio de vir trabalhar durante certo tempo no SEC. Poucos meses depois, entretanto, a primeira queda do Serviço de Extensão se daria com

a demissão de seu secretário. Correspondentes estrangeiros: eram todos decorrentes da intensa correspondência particular que eu mantinha. Para entendê-lo, preciso chamar a atenção que, insatisfeito com o que aprendera na universidade espanhola, pensava em ir estudar nos Estados Unidos. (O projeto já vinha de antes de minha ida para a Espanha, mas naquele momento, mesmo antes da efervescência política, não era fácil ter uma bolsa). Pouco lembro agora desses correspondentes, exceto de um italiano, Andrea Bonomi, que depois se tornaria muito amigo de vários brasileiros e voltaria aqui com alguma frequência.

COMO SE DEU A ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL COM UNIVERSIDADES E ESCOLAS ESTRANGEIRAS?

Não houve articulação institucional senão que com pessoas.

COMO SE DEU A DEMISSÃO NO FINAL DE 1963?

Procuro dizê-lo sinteticamente. Para funcionar a partir do número 5, eu havia pensado em uma seção que sintonizasse o Recife com o que de mais importante tivesse se dado, desde o número anterior até aquele, no Brasil e no estrangeiro.

Próximo de entregar o material para a gráfica, Gilberto Freyre, que se tornara o porta-voz contrário à política de João Alfredo e do SEC e ao que chamava de processo de comunização do país, escrevera um artigo em que reclamava que os comunistas da imprensa escolhiam fotos que o mostravam feio, muito feio. Por mais que Sebastião Uchoa me advertisse que não o fizesse, escrevi na seção re-

ferida uma nota em que transcrevia as palavras do ilustre sociológico, e acrescentava que sua reação seria explicável se tratasse de uma grande dama do cinema, mas não de... etc. A reação não se fez esperar. Provavelmente sob pressão, o Reitor convocou o Conselho de redação da revista. Particularmente feroz na defesa dos “bons princípios” era a prof. Maria do Carmo Tavares de Miranda. Em minha defesa, havia apenas a voz de meu ex-professor de Direito Penal, Rui Antunes. Não só saí da reunião demitido, como a página causadora da celeuma foi arrancada. Durante alguns anos, a tive comigo. Depois, entre minhas idas e vindas, e mudanças de residência, ela se perdeu. A vanguarda em que o Recife então se encontrava ainda se manifestou na antecipação da repressão. Quero deixar claro, contudo, que foi meu voluntarismo juvenil o responsável por todo o episódio. Ao Reitor, a quem nunca mais vi, não cabia fazer outra coisa. Só lamento nunca haver agradecido a Rui Antunes a defesa que procurou fazer de uma causa já perdida. Na verdade, a perda apenas começava. Hoje, quando se pensa que o país ultrapassou a repressão sofrida por mais de 20 anos, diria que não é bem assim. Do ponto de vista educacional, o golpe mudou nosso currículo escolar, não só introduzindo uma ideologização deslavada – a chamada “educação cívica – como eliminando as línguas clássicas, ainda aprendidas por minha geração. A “redemocratização” continuou em linha semelhante. Se a “educação cívica” era demasiado gritante, em troca o abastardamento do ensino secundário se aprofundou. Por fim, o des-

caso de políticos ligados à universidade ou o reconhecimento por outros apenas das atividades técnico-econômicas fez a nossa universidade, na parte relativa às chamadas humanidades, afundar em um buraco sem igual. Enquanto o país está bem economicamente, isso não se nota. Mas quem tenha contato ou com grandes empresas ou com os programas de cultura sabe que as deficiências são de mesmo nível: as grandes empresas se queixam da falta de operários especializados, os programas de cultura – presentes nos suplementos que sobrevivem, na grande maioria das teses apresentadas nos programas de pós-graduação, ou na TV – chegam a dar vergonha.